

O AMADOR E A COISA AMADA

AFFONSO ÁVILA

Viajante da palavra - a criação poética, a reflexão crítica, a pesquisa cultural, dividi-me, em mais de 50 anos de atividade, entre trilhas, desvios e fidelidades, por um mundo variegado de interesses, todos convergindo, no entanto, para uma realização pessoal conhecida e reconhecida. Por cerca de duas décadas, em que me apaixonara, ao lado primacial da poesia, pelo encanto e estranhamento do barroco em seu viés teórico, vejo-me, de repente, envolto com os sinais e ruínas de um passado mais pragmático: a pesquisa e interpretação de fontes e acervos de nossa fundante história como país ansioso e tropicalizado. Parti para o trabalho de campo em projeto que, se não se concretizou, deixou mais que resíduos em meu olhar instigado e aguçado.

Foi o denominado Plano Viana de Lima concebido pela UNESCO e entregue aos destinos direcionados da Fundação João Pinheiro, *à época conceituada e prestigiada em todo o País* pelos seus estudos aplicados na área de desenvolvimento urbano. O Plano Viana de Lima, urbanista da UNESCO e supervisor profissional da ambiciosa tarefa, contemplava a conurbação histórico-regional das cidades de Mariana, a primeira diocese, e Ouro Preto, a ex-Vila Rica, centro maior da mineração e administração do território do ouro. Ambas se encontravam diante de um dilema: ou desenvolver-se ao revés de sua ancianidade urbanística e artística, inscrevendo-se de vez na linha expansiva do progresso, ou desvirtuar-se de suas singularidades de tempo e beleza tradicionais, em decadência maior do que a então sofrida. A UNESCO, que daria a Ouro Preto o *status* de monumento universal, achou por bem intervir na questão, prevendo um rol conjugado de providências, junto à irmã gêmea Mariana, que equacionasse o imperativo contraposto.

A Fundação João Pinheiro, com a cobertura dos governos federal e estadual e atrelada à visão técnica da UNESCO, iniciou então o intitulado Plano de Conservação, Valorização e Desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana. Com nome já assegurado na vertente estudiosa do barroco – os *Resíduos* (1967) e *O Lúdico* (1971), sou convidado oficialmente para assumir a Coordenação da Equipe de Suporte Histórico-Documental (ESHHD) da empreitada institucional, sendo então contratado para

fundamentá-la e organizá-la. Tendo a par a tutela urbanística e conjuntural do arquiteto, depois amigo dileto, professor emérito Augusto Carlos da Silva Telles, representante do Governo Federal (IPHAN e SEPLAN/PR); Francisco Iglesias, mestre e escolha afetiva; Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, parceira de toda uma vida de promoções e trabalhos, um *casamento profissional* que se diria profícuo; Hélio Gravatá, o dono dos segredos bibliográficos de Minas, e o restaurador Jair Afonso Inácio, que em várias línguas sabia tudo de Ouro Preto. A eles – elenco setorial – se somavam urbanistas, arquitetos, engenheiros, sociólogos, economistas, o ecólogo e paisagista Burle Marx, outros técnicos e futuros estagiários. Se o Plano se frustrou, salvaram-se a experiência, o aprendizado, a afetividade, bens que não se compram, que se aprendem e apreendem.

Superado o insucesso pragmático do Plano Viana de Lima, permaneci na seara das cidades históricas e até modernas, pulando da Fundação João Pinheiro para o IEPHA/MG – minha criação anterior, dali para o Ministério da Cultura, de Brasília ao retorno à Fundação, na qual, aos quase sessenta anos, fui vítima de um complô de preconceitos e desrespeito, demitido em 1988 por excesso talvez de talento e peso próprio de aplicação. Mas valeu. Apenas a poesia se ressentiu desses deslocamentos e seus contratempos, porém logo me redimi, retornando com força, paixão e decisão ao meu berço de origem, já inseminado de visões e previsões, convívios e amávios, como o demonstra em linguagem, beleza e invenção a minha *Cantaria Barroca*, estruturada em pedras, formas e percursos na temporada febril e inesquecível dos dois anos de vivências e prendas ouro-pretanas. Trabalhei em outros levantamentos, se não do mesmo porte, pelo menos da mesma espécie: o patrimônio histórico e artístico. Foram planos para o Circuito do Diamante, o Circuito do Ouro, a visão de conjunto da província ancestral e contraditória, que eu devassara irônica e implacavelmente na esfera da poesia, o tão bem-sucedido e questionado *Código de Minas*, que me levou, no entanto, à primeira fila dos que são os ditos eleitos das musas.

Não há, ao que se conclui, história sem percalços e eu, na minha missão e visada preservacionista, também os tive. Além do insucesso do Plano Viana de Lima, outros desacertos se adicionaram à minha peripécia ora profissional, ora ao maior do tempo amadora. Doeu-me muito o cancelamento, na última hora, do simpósio internacional do ano 2000, que, com Myriam Ribeiro e companheiros, planejávamos, que me deixou, que nos deixou na contramão do tempo. E um segundo fato, de ampla repercussão na ocasião, também me desapontou, tornando-me mesmo um quase incrédulo do instituto do tombamento. Refiro-me à posição isolada em que fiquei no chamado “*Caso Cine Metrópole*”, quando a incúria e a ganância se assestaram contra um sinal, ainda que quase dos raros, que nos restava do início de Belo Horizonte (antigo Teatro Municipal), e descambaram em franca falácia e insensibilidade. Contra meu voto, pessoal, explícito e resistente a pressões políticas, voto consciente e solitário/solidário, alienou-se o velho edifício, reformado mas não desfigurado, e, em seu lugar, ergueu-se mais uma torre de usura. Em vão lutaram, junto comigo, o IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil – Seção de MG), artistas, intelectuais, estudantes e, enfim, toda uma população afeiçoada à memorável casa de entretenimento da antiga Praça do Teatro.

Entretanto, como demonstram estas novas Memórias de Ofício, nem tudo foi fracasso em minha trajetória na área. Ademais da revista BARROCO, que heroicamente persiste há mais de três décadas, e hoje sob direção de minha filha e historiadora Cristina Ávila, dos congressos e encontros de pesquisa que suscitou até internacionalmente, posso ostentar – como neste volume o faço – a criação de entidades vitoriosas, que se impuseram ao panorama da cultura mineira: a Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP), o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA/MG) e o Centro de Estudos do Ciclo do Ouro (CECO), este por incumbência do Ministério da Fazenda, na monumental Casa dos Contos, de Ouro Preto. E mais fiz, como aqui se registra, que me trouxe alento em quase vinte anos de ofício e que se agregam a trabalhos concretizados, como o *Circuito do Diamante*, o *Igrejas e Capelas de Sabará*, o *Glossário de Arquitetura e Ornamentação*, ferramenta de iniciação em cursos de arquitetura, história, belas artes, turismo e fonte de acesso de amplo público interessado (já esgotadas três edições!). Fique, ao final, camonianamente, o dístico *O AMADOR E A COISA AMADA*, embora em casos de AMOR, como o que nutri nessa passagem de minha vida, nem tudo reverte a beijos e abraços.

Sobrevivi.

AFFONSO ÁVILA

2011